

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ISABEL PEIXOTO SOUZA DA SILVA



Tradução e cultura nas lendas amazônicas

Uberlândia/MG

2022

ISABEL PEIXOTO SOUZA DA SILVA

Tradução e cultura nas lendas amazônicas

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Stéfano Paschoal

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Luis A. de O. Batista

Uberlândia/MG

2022

ISABEL PEIXOTO SOUZA DA SILVA

Tradução e cultura nas lendas amazônicas

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. Stéfano Paschoal – UFU

Orientador

Prof. Dr. Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista– UFU

Coorientador

Profa. Dra. Paula Godoi Arbex – UFU

Membro

Profa. Dra. Marisa Martins Gama-khalil– UFU

Membro

Uberlândia/MG, 01 de abril de 2022.

Em memória de Marcondes Alencar e Julieta Peixoto, duas das figuras amazonenses mais significativas na construção da minha identidade. Grata, sempre.

AGRADECIMENTOS

Durante a vida, vários obstáculos surgem e alteram o caminho que trilhamos e é dessa maneira que surgem as histórias. O que é uma história, afinal? Alguém tentando chegar a algum lugar e falhando, as tentativas de conquistar um objetivo, de chegar ao seu destino, é o que torna as histórias possíveis. Na graduação não foi diferente. Além dos obstáculos naturais... *Será que realmente entendi essa teoria? Como assim a prova é hoje, não era na próxima semana?...* Houve também obstáculos que compartilhamos com o mundo... *Quanto tempo será que ficaremos isolados? Meu Deus, quando será que voltaremos às aulas?* Por fim, não voltamos, não presencialmente. A pandemia roubou algumas experiências que teríamos, como estudantes e jovens adultos, e nos forçou a lidar com coisas que jamais imaginamos. Não somos os mesmos que começamos a faculdade em 2018 e, certamente, não seremos os mesmos depois das experiências que vivemos. Muitas pessoas não puderam continuar com a graduação após a pandemia, por inúmeros motivos, e, mais do que nunca, sei como sou privilegiada por ter chegado até aqui e por isso sou muito grata. Agradeço a Deus, pela força que foi necessária para concluir essa etapa. Aos meus familiares, especialmente minha mãe, Silvia Peixoto, e minha tia, Virgínia Peixoto, por sempre me incentivarem e torcerem para que eu seja feliz com minhas escolhas, muito obrigada, amo vocês mais que tudo. As pessoas que conheci no caminho e que de alguma forma me ajudaram a crescer academicamente e como pessoa, obrigada. A família que escolhi e me escolheu em Uberlândia, Rejane e Hudson, por tudo, eu não poderia ser mais grata. Agradeço a Natália Amorim, irmã, revisora e companheira em todos os momentos dos últimos anos, durante a graduação e a vida, obrigada por fazer parte do meu time. Agradeço ao meu orientador, Stéfano Paschoal, pela confiança, incentivo e conhecimento compartilhado durante esses anos, foi um prazer ser sua aluna, obrigada. A todos os professores do departamento de Tradução da Universidade Federal de Uberlândia, pelas horas gastas transmitindo seus conhecimentos. Por fim, agradeço a todas as energias positivas dos amigos que torceram por mim. Abraço a todos.

Grata sempre, Isabel Peixoto.

RESUMO

Nesta pesquisa pretendemos trabalhar brevemente questões acerca da relação entre tradução e cultura, problematizando o lugar de uma *literatura amazônica* bem caracterizada inserida em um debate acerca da literatura ela mesma como um sistema dinâmico e heterogêneo. Para tal, primeiramente, discorreremos sobre o papel sociocultural e político da tradução, em plano mais geral, e, mais especificamente, sobre como trazer a literatura amazônica para um lugar não periférico dentro do polissistema literário brasileiro. Entendemos que há opções tradutórias que melhor fazem jus ao caráter cultural dos textos escolhidos, uma vez que nosso posicionamento é amparado pela teoria da tradução que positiva a competência tradutória para a segunda língua como possível e efetiva. A partir das traduções para o inglês das três lendas amazônicas, a saber, “As Amazonas”, “Ajuricaba” e a “Lenda de Mani”, pretendemos contribuir para a ampliação da literatura na área dos Estudos da Tradução e Cultura, assim como para a divulgação da própria cultura amazônica.

Palavras-chave: Cultura. Lendas amazônicas. Tradução. Literatura amazônica.

ABSTRACT

This research intends to work briefly on issues concerning the relationship between translation and culture, discussing the place of a well-characterized Amazonian literature inserted in a debate about literature itself as a dynamic and heterogeneous system. To this end, firstly the sociocultural and political role of translation, on a more general level, and, more specifically, how to bring Amazonian literature to a non-peripheral place within the Brazilian literary polysystem will be addressed. We understand that there are some translation choices that are better, to do justice for the cultural nature of the chosen texts, since our position is supported by a translation theory which believes that a translation competence into a second language is possible and effective. The translations of the three Amazonian legends, from Brazilian Portuguese to English, namely, "As Amazonas", "Ajuricaba" and the "Lenda de Mani" we intend to contribute to the expansion of Amazonian literature and to the field of translation and culture studies, as well as to the dissemination of the Amazonian culture itself.

Keywords: Culture. Amazonian legends. Translation. Amazonian literature.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 – Tradução e cultura	14
Capítulo 2 – Literatura amazônica	18
Capítulo 3 – Lendas amazônicas: proposta de tradução.....	21
3.1. <i>As Amazonas</i>	22
3.2. <i>Ajuricaba</i>	27
3.3. <i>Lenda de Mani</i>	34
3.4. Glossário.....	37
Conclusão	39
Referências.....	40
Anexos.....	41

Introdução

Nesta pesquisa pretendemos traçar breves considerações acerca das escolhas de tradução de lendas amazônicas, problematizando o lugar de uma *literatura amazônica* bem caracterizada inserido em um debate acerca da literatura ela mesma como um sistema dinâmico e heterogêneo. Para tal, será preciso, primeiramente, discorrer sobre as opções tradutórias que melhor farão jus ao caráter cultural dos textos escolhidos, uma vez que tal posicionamento do tradutor pode decorrer de diferentes teorias da tradução, de modo que também nos cabe aqui descrever de que maneira tais teorias contribuem para que o tradutor alcance um texto traduzido que realmente represente a cultura de um povo/região. Em seguida, tentaremos participar da discussão sobre o papel sociocultural e político da tradução, em plano mais geral, e, mais especificamente, trazer a literatura amazônica para fora de sua posição dentro do polissistema literário brasileiro a partir das traduções de três lendas amazônicas, a saber: “As Amazonas”, “Ajuricaba” e a “Lenda de Mani”, contribuindo, assim, para a ampliação da literatura na área dos estudos da tradução e cultura, bem como para a divulgação da própria cultura amazônica, pois o principal ensejo é refletir sobre a importância dos sentidos culturalmente construídos dentro da tradução que será feita, para a compreensão e transmissão do contexto amazônico no texto traduzido.

Antes de começar, é importante pontuar que esse trabalho é fruto de vivência e pertencimento, de modo que as raízes da cultura de quem escreve este trabalho, amazonense, manauara, serão aqui representadas com cuidado e para fins acadêmicos. Gostaríamos de salientar que essa pesquisa não se qualifica em nenhum momento como representação de quaisquer culturas indígenas específicas, nem, tampouco, pretende figurar como fonte de conhecimento sobre os povos indígenas do Amazonas e nenhum outro estado da região norte. Isto porque a cultura amazônica, aqui representada, é a miscigenação da sabedoria indígena, ribeirinha e urbana, uma mistura de tudo aquilo que faz dessa região um lugar repleto de diversidade e mistérios.

Considerando então um contexto tão rico e ainda pouco explorado, o intuito de conduzir uma pesquisa – e realizar traduções – sob uma perspectiva cultural surge do desejo de divulgar a cultura amazônica, de maneira a honrar os povos amazônicos e suas narrativas. Para isso, é preciso traduzir de maneira atenta, de

modo a auxiliar na visibilidade e propagação da história de populações anteriores e daquelas atualmente presentes na região amazônica brasileira, principalmente no estado do Amazonas, além de valorizar os aspectos mitológicos da cultura, uma vez que, embora haja um apagamento ao redor desta reflexão, muitos mitos e lendas que conhecemos hoje são um reflexo da mistura e mutilação das línguas indígenas. Por exemplo, os nomes de deuses e entidades da floresta são diferentes para cada região, e mesmo dentro de pequenos espaços geográficos existem inúmeras línguas de povos diferentes, com lendas e crenças próprias.

A partir desta contextualização inicial, entendemos então que as lendas que analisaremos em nosso terceiro capítulo são tratadas como provenientes da região Amazônica, de maneira geral, e não refletem as crenças de um povo específico, ainda que mencionemos a origem de cada uma delas. É interessante mencionar que até o século XVIII existiam duas colônias portuguesas distintas no território que hoje chamamos de *Brasil*, a saber: o Estado do Grão-Pará, que consiste na região da atual Amazônia brasileira; e o Estado do Brasil, que abrangia a costa brasileira desde onde hoje está o estado do Maranhão até a região sul e sudeste. Por isso, modificações nas lendas pela instituição das “línguas gerais”, criada para a colonização do território, pela Coroa Portuguesa, a Língua Geral Paulista e a Língua Geral Amazônica, não serão analisadas neste trabalho.

Em nosso primeiro capítulo, trabalharemos então com algumas considerações feitas por Itamar Even-Zohar¹ no que diz respeito à literatura traduzida. Faremos uso do termo “polissistemas” para ressaltar que corroboramos com a tese de que trabalhamos com um contexto plural, dinâmico e heterogêneo, pois os lugares de poder oscilam, em oposição a uma abordagem sincrônica. O autor esclarece que, apesar de ocupar um lugar periférico nos estudos literários, este não é sempre o lugar (periférico) que a literatura traduzida ocupa nos polissistemas literários. De acordo com o autor, esse papel varia dentro de cada polissistema; assim, a posição, central ou periférica desta literatura em um sistema está sujeita à hierarquia pré-existente deste, que conduz as relações de poder e as tendências e normas literárias em voga.

¹ Cf. EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. In: VENUTTI, L. *The translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2004.

Assim, diacronicamente, a partir desse conceito estabelecido por Even-Zohar (2004, p. 192-7), a posição de uma literatura não é fixa no polissistema; ela se transforma e, com o passar do tempo, pode perder seu lugar central. Isso significa dizer que, em dado momento, através de uma ruptura no sistema literário, é possível que se crie uma lacuna (*literary "vacuum"*), que não pode ser preenchida por nenhum dos textos existentes no momento. Tal vazio torna necessária a introdução de novos textos, e é nesse momento que a literatura traduzida pode ocupar um lugar central, ou seja, quando os textos estrangeiros atendem a novas normas literárias, estes podem ocupar o lugar central, enquanto novas produções são feitas naquela língua. Apesar de não existir um *literary "vacuum"* em que a literatura amazônica se encaixe de maneira central dentro do polissistema brasileiro, e de maneira mais ousada, de polissistemas estrangeiros, esta pesquisa é, também, um esforço e um incentivo à divulgação e permanência dessas narrativas dentro de nossa cultura, e das demais culturas que possam atingir através da tradução.

As vozes responsáveis pelas lendas amazônicas são múltiplas, vindas dos povos originários, das populações indígenas que existiam, e ainda existem, no território hoje conhecido como América Latina, especificamente na região amazônica, muito tempo antes da colonização, isto sem mencionar a população ribeirinha e a população urbana das cidades amazônicas.

No Brasil contemporâneo, muito pouco da cultura amazônica sai do eixo norte do país, e até duas décadas atrás, era ainda mais complicado divulgar costumes e histórias dessa região do país. A globalização e a expansão frenética da internet e da tecnologia portátil nas relações diárias facilitaram a divulgação da cultura de muitos povos periféricos. Essa posição, neste caso, refere-se à posição geográfica, política e cultural de um povo, dentro da dinâmica da nação ou conjunto de nações em que estão inseridos.

Agora, com acesso à rede de internet e um celular é possível e, verdadeiramente, fácil, encontrar conteúdo sobre os mais variados países e povos, nas ferramentas de busca, na mídia e, principalmente, nas redes sociais. É possível assistir a vídeos rápidos com receitas culinárias típicas da Etiópia, aprender sobre uma espécie de coral que existe na Austrália e ver um indígena falando sobre algum aspecto de sua cultura, tudo em uma única rede social, por meio de filtros de busca que estão cada vez mais precisos.

No entanto, apesar dessa facilidade e rapidez, no que diz respeito à literatura, amazônica ou não, povos periféricos seguem sendo pouco vistos, ouvidos e discutidos, dentro dos espaços que a propagam e consomem. Resquícios do folclore amazônico apareciam em livros didáticos do método global, utilizado na alfabetização e no primário, desde o final do século XIX, com cartilhas e apostilas com histórias e exercícios infantis.

Hoje, esses resquícios continuam a ser encontrados em livros didáticos. Embora haja inclusive uma lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, a saber, a lei 11.645/08, que tornou obrigatório o estudo da história e da cultura indígena nas escolas públicas, o conhecimento da cultura, tradições e narrativas dos povos indígenas, da Amazônia e do resto do país, ainda é raso e pouco explorado.

Assim, essa pesquisa é orientada em uma perspectiva que pretende a tradução do português brasileiro para o inglês de um ponto de vista ideologicamente engajado, dado que há bastante omissão em diversos campos do saber sobre os lugares de poder sempre ocupado pelos mesmos personagens históricos, o que não é diferente nos Estudos da Tradução. Dito isso, a proposta é contribuir para a discussão, demonstrando como a tradução é uma atividade político-social e de que maneira o colonialismo modifica as narrativas. Através da análise das teorias divergentes de tradução, buscaremos incluir aqui a discussão do papel intermediário do tradutor nas relações interculturais. Além disso, toda tradução, por não se resumir numa transcrição sintático-gramatical de termos, como muitas vezes apontado pelo senso comum, possui, em diferentes níveis, caráter cultural.

Desta forma, a confluência entre tradução e cultura não se aplica apenas à tradução literária, ou a textos com extremo valor cultural, mas se estende a toda tradução, nos mais diferentes contextos. A tradução, portanto, é não apenas um ato linguístico, mas também um ato político, cultural, ideológico e sociológico. Em seu livro *Constructing Cultures*, Lefevere diz:

[...] O objeto de outras traduções, e elas representam, neste momento, uma minoria, embora nem sempre tenha sido assim, é a circulação de capital cultural. A diferença entre informação e capital cultural, no sentido conferido ao último termo por Pierre Bordieu, poderia ser formulado de modo sucinto como o seguinte: informação é o elemento necessário para que funcione no nível profissional, enquanto capital cultural é o elemento necessário para alguém seja

considerado pertencente aos “círculos corretos” na sociedade em que se vive (*tradução nossa*, LEFEVERE, 1998, p.41).²

Desta maneira, o papel do capital cultural presente no material que será analisado e a forma como ele será veiculado através da tradução norteia esta discussão. Considerando a virada cultural da tradução (LEFEVERE & BASSNET, 1990, p. 127-40), e os aspectos socioculturais, a naturalização ou identificação de um texto e qual traz maiores benefícios para o texto em análise. Em seu artigo *Desafios da Tradução Cultural: As Aventuras Tradutórias do Askeladden*, Francis Aubert (1995) ressalta o fato de que operações tradutórias trabalham com uma gama enorme de peças culturais extralinguísticas, que servem como fundamento para as discussões acerca das escolhas tradutórias.

É a partir deste repertório teórico que a transmissão de nuances culturais Amazônicas através da tradução de lendas, do português brasileiro para o inglês, configura-se como o grande intuito deste trabalho. Além disso, esta pesquisa apoia-se na corrente tradutória que acredita na possibilidade e qualidade da tradução para uma segunda língua, o que torna possível o trabalho e valida o nosso ponto de partida.

² [...] The object of other translations and they are a minority now, though they may not always have been is the circulation of cultural capital. The difference between information and cultural capital, in the sense in which the latter term has been introduced by Pierre Bourdieu, could be succinctly formulated as follows: information is what you need to function on the professional level, whereas cultural capital is what you need to be seen to belong to the 'right circles' in the society in which you live. (LEFEVERE, 1998, p.41)

Capítulo 1 – Tradução e cultura

O debate acerca da relação entre cultura e tradução se faz necessário como ponto de partida, visto que é objetivo da pesquisa qualificar de que maneira a cultura e a tradução se tangenciam, uma vez que nos propomos a traduzir lendas amazônicas para valorizar a cultura de partida. Para tal, iremos precisar o que entendemos aqui como *cultura*. Segundo Bagno (2017), no verbete que se refere ao nosso conceito:

Tal como empregado na sociolinguística, na antropologia e em áreas afins, o termo *cultura* se refere a um conjunto de práticas cotidianas e de crenças, ideias e valores a elas associadas e que caracterizam um **grupo social** ou uma **comunidade** em particular. Esse conjunto contribui para o sentimento de **identidade** do grupo e precisa ser aprendido pelos membros mais jovens e recém-chegados à comunidade. Esse conceito também incorpora uma noção de cultura não somente como algo que as pessoas *têm*, mas igualmente como algo que elas *fazem*, ou seja, a cultura é vista como ativamente reproduzida e, de igual modo, desafiada pela atividade cotidiana. A cultura como atividade se manifesta nos modos de falar dos indivíduos, seja em práticas informais como jogos, saudações, “conversa fiada” etc., seja em práticas altamente ritualizadas como cerimônias religiosas e outras (BAGNO, 2017, p.76).

Estendendo o pensamento do autor, inserimos também, em nosso caso, as lendas. Desse modo, é possível considera a língua como o elemento nuclear de toda cultura humana, sendo então a tradução o mediador tanto das diferentes línguas quanto das diferentes culturas a elas remetidas. Assim, há uma ligação óbvia e primordial que a tradução estabelece entre as nações, sendo um dos fatores responsáveis por interligar as culturas nas frentes políticas, comerciais, diplomáticas e sociais. Nas sociedades antigas, essa ligação era ainda mais comum entre sociedades vizinhas – no sentido geográfico –, mas ela também acontecia, de maneira mais lenta, através de grandes rotas comerciais e expansão colonial. Exemplos de como os conhecimentos são traduzidos e disseminados para outros povos se evidenciam na matemática, agricultura, medicina, astronomia e arte.

No campo da tradução, a influência da cultura aparece com mais força após a *virada cultural* dos Estudos da Tradução em 1980 (SNELL-HORNBY, 2006, p.47 apud KATAN & MUSTAPHA, 2021, p.1). Segundo Katan e Mustapha, a disciplina de *Estudos Culturais* define que “tradução cultural” envolve a análise da dinâmica entre

modelos sociais conflitantes, e de que maneira o contato tanto entre indivíduos quanto entre comunidades distintas afeta e modifica esses modelos. Os Estudos da tradução começaram a se interessar pelos efeitos e mudanças que a cultura implica no campo textual. Sobre isso, Susan Bassnett (2014, p.25 apud KATAN & MUSTAPHA, 2021, p.1) aponta: “Da mesma maneira que um cirurgião, ao operar o coração, não pode negligenciar os demais órgãos, o tradutor que tratar o texto como unidade isolada de sua cultura, o fará por sua conta e risco.” (tradução nossa). Linguisticamente, isso significa que, para compreender um texto por inteiro, não basta apenas o conhecimento gramatical, mas é necessário, também, analisar a situação em que aquele texto se insere, avaliando e compreendendo aquilo que está implícito, a saber: de que forma, por quem, de onde e com que objetivos.

Grosso modo, há duas vertentes distintas dentro dos Estudos da Tradução. Uma delas defende a utilização, existência e competência da tradução para a segunda língua. A outra se ampara em um conceito datado de “língua materna” para defender a impossibilidade de desenvolver uma competência tradutória satisfatória para uma língua que não a nativa. Por isso, nesta pesquisa, optamos por nos ater à primeira delas, fazendo uso de teóricos como Stuart Campbell e Nike Pokorn, que participam dessa corrente tradutória.

Em *Translation into the Second Language*, Campbell (1998) discorre sobre alguns dos argumentos a favor desta modalidade tradutória, e por quais motivos imaginar uma prática tradutória generalizada em que a tradução inversa não aconteça é impossível no contexto real em que estamos inseridos. Os tradutores não trabalham em condições ideais e estão sujeitos às necessidades pragmáticas, custo de vida, manutenção das ferramentas de trabalho, flutuação do mercado, oferta e demanda, especialização etc. Por isso, um cenário em que o tradutor pode recusar uma tradução para uma segunda língua é, no mínimo, incomum.

No livro *Challenging the Traditional Axioms*, Nike Pokorn (2005) afirma que dentro dos Estudos da Tradução das culturas ocidentais, tradicionalmente, a tradução inversa, a tradução para uma língua não-nativa, ou a tradução para a segunda língua, não é muito bem vista, sendo classificada como uma ação fadada ao fracasso tanto por linguistas quanto por estudiosos da literatura. Contudo, apesar desta “fama ruim”, e de certa “proibição”, a tradução inversa sempre foi feita de línguas “menores” para línguas “maiores”, por tradutores que geralmente trabalham em conjunto com consultores da língua de chegada (POKORN, 2005, p.xi).

Apesar de a língua portuguesa não se encaixar essencialmente no conceito de língua “menor”, em termos de população falante, ela possui um status menor com relação a muitas outras no contexto político e social. E é nesse contexto que se insere, de maneira ainda mais periférica, o nosso objeto de estudo. Dado que nesta pesquisa estamos trabalhando com a noção de polissistemas literários (Even-Zohar, 2005), dentro do polissistema literário ocidental, a literatura brasileira já é tratada como “menor” (com exceção do que na estrutura de poder associamos ao conceito de cânone literário, ponto polêmico do qual não nos ocuparemos aqui); dentro do polissistema literário brasileiro, o conteúdo produzido na região norte do país é ainda mais periférico.

Consideramos aqui a língua inglesa como língua alvo, a língua “maior”, para qual o texto será traduzido, por ser uma das línguas mais utilizadas no mundo e possibilitar que um texto chegue não apenas em países anglófonos, mas em quaisquer falantes da língua inglesa pelo mundo. Sendo essa a língua da comunicação em termos de globalização ocidental, a possibilidade de atingir outras culturas através de uma língua intermediária, neste caso o inglês, é bastante animadora e um dos fatores positivos da tradução de literaturas periféricas para línguas francas.

Pokorn (2005, p.25-7) faz um apanhado geral da mística que existe sobre a figura do “falante nativo”, corroborada pela ascensão das gerações de autores românticos do nacionalismo, como os autores do movimento romântico da Alemanha, que enfatizavam a relação entre nação e linguagem e expressavam em seus textos uma forte mistificação do falante nativo e da língua-materna. Indo mais além, Wilhelm von Humbolt não apenas associou língua e nação, mas afirmou que a língua é o seu espírito. Essas e outras afirmações na mesma linha levaram à afirmação de que um tradutor estrangeiro não poderia se conectar à verdadeira essência da linguagem (POKORN, 2005, p.31).

Apesar de estas concepções terem se abrandado com o tempo, a lógica permaneceu a mesma. Peter Newmark pontua que:

[...] um estrangeiro parece cometer erros coloquiais independente de quanto tempo esteja em seu país adotivo, porque, possivelmente, não consegue distinguir gramática de lexicologia. [...] Pelas razões acima, tradutores devem traduzir para sua própria língua, e, além disso, professores e alunos estrangeiros, normalmente, não se

qualificam para estar em um curso de tradução. (*tradução nossa*, NEWMARK, 1981, p. 180)³.

Esse pensamento desconsidera categoricamente a vivência individual e a competência dos tradutores, não adicionando à equação as inúmeras variáveis que tornam alguém “nativo” em uma língua, conceito ainda bastante complicado e que parece ser aceito como estabelecido, mas que não possui bases para realmente diagnosticar o que qualificaria o *falante nativo*. Alguns aspectos práticos da pesquisa de Newmark fizeram com que a influência de seus escritos se espalhasse entre acadêmicos, livros especializados e guias para tradutores.

Outro aspecto apontado por Pokorn (2005, p.28) é a idealização de um tradutor bilíngue perfeito. O autor afirma que há a falta de definições claras para os conceitos de “língua materna” e “falante nativo”, e que essas teorias optam por ignorar e/ou não responder, o que levou a outra vertente de teóricos que idealizaram um sujeito tradutor bilíngue nas duas línguas de seu par tradutório, tendo ambas em igual competência tradutória, traduzindo de uma “língua materna” para a outra.

Diante destes pressupostos teóricos, estamos então autorizados a prosseguir em nossa pesquisa pontuando agora a discussão sobre o lugar da literatura oriunda da região norte do Brasil inserida no polissistema da literatura brasileira. Para que, posteriormente, sejamos capazes de atuar como tradutores competentes para a tarefa de traduzir lendas amazônicas para a língua inglesa sem que isso seja um ponto polêmico.

³³ [...] a foreigner appears to go on making collocational mistakes however long he lives in his adopted country, possibly because he has never distinguished between grammar and lexicology. [...] For the above reasons, translators rightly translate into their own language, and a fortiori, foreign teachers and students are normally unsuitable in a translation course. (NEWMARK, 1981, p.180).

Capítulo 2 – Literatura amazônica

Estabelecido o cenário teórico do qual nos apropriaremos, tentaremos participar da discussão sobre o papel sociocultural e político da tradução, em plano mais geral, e, mais especificamente, trazer a literatura amazônica para fora de seu local no âmbito do polissistema literário brasileiro, a partir das traduções de três lendas amazônicas, a saber: “As Amazonas”, “Ajuricaba” e a “Lenda de Mani”, que seguirão problematizadas em nosso próximo capítulo.

Na ausência de um termo que caracterize formalmente toda a pluralidade de conteúdo e produções advindas do norte do país, tentaremos cercar e limitar tamanha esfera literária por meio do termo “literatura amazônica”. Tal escolha terminológica se justifica por uma lacuna encontrada nos estudos literários, já que se localizarmos, por exemplo, apenas como “amazonense” ou “paraense”, não conseguiremos abarcar a maior parte das ocorrências. Assim, caracterizá-la como “amazônica” é generalizar, o que é mais bem visto por nós do que agravar a exclusão e apagamento de narrativas já caracterizadas como periféricas em um sistema sociocultural que veicula a valorização cultural ao mesmo tempo que filtra quais são as “culturas” que ocuparão lugares de poder e influenciam as tomadas de decisão político-sociais.

A literatura amazônica está então inserida no polissistema da literatura brasileira. Alguns estudiosos pontuam algo como uma “literatura brasileira de expressão amazônica”, questionando se há de fato uma cultura e literaturas próprias da região⁴. É nossa opinião que tal perspectiva, colocando em suspenso a questão do folclore, diminui as produções e os autores da região, além de reforçar estereótipos construídos desde a colonização. Outros autores conseguem ser ainda mais negativos, no sentido de recusarem uma literatura localizada regionalmente ou até mesmo circundada por fronteiras de países ou continentes, dizendo que ao caracterizarmos a literatura desta maneira reforçamos preconceitos⁵. Porém, tal argumento parece ter em vista algo como uma cultura universal, o que não é o caso, dado que há aspectos próprios de determinados povos que não podem meramente

⁴ Cf. FERNANDES, J. G. dos S. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da amazônia ou literatura amazônica? In: *Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB*. João Pessoa, Vol 6., N. 2/1, 2004 – p. 111-116.

⁵ Cf. SOUZA, M. Literatura na amazônia, ou literatura amazônica? In: *Revista Sentidos da Cultura - Belém/Pará*. V.1. N. 1. Jul-dez/2014.

deixar de ser considerados como constitutivos de expressões como a língua e a cultura.

Defendemos ainda que a literatura amazônica tem um lugar de destaque dentro do polissistema da literatura brasileira, justificados pela riqueza cultural e expressões próprias de um povo que não necessariamente se vê representado de modo substancial nos cânones literários brasileiros. Desta forma, a decisão de traduzir lendas da literatura amazônica surgiu, primordialmente, de um desejo pessoal de mostrar o apreço e o tributo que são justos esta cultura, que é pertencente a quem escreve este trabalho.

Nessa busca, encontramos um marco no percurso, a saber: as narrativas, em sua grande e esmagadora maioria, foram retratadas por escrito por colonizadores. É importante dizer que isso se deve ao fato de os sistemas linguísticos e sociais das populações indígenas residentes no sul do continente americano, mais especificamente na Amazônia, diferirem bastante da língua dos invasores. O próprio veículo de conhecimento se dava em grande parte pela oralidade, o que ressalta ainda mais a ausência da perspectiva indígena nos registros escritos. Desse modo, o registro por escrito era comum aos “exploradores”, visto que a chegada ao “Novo Mundo” rendeu inúmeras histórias, a maioria contada a partir de um olhar religioso, higienizador e violento.

Assim, com este fim, tomamos a decisão de traduzir as narrativas amazônicas retratadas pelo folclorista paraense José Coutinho de Oliveira, no livro eletrônico *Imaginário Amazônico*, compilação feita no ano de 2014 por Ana Paula Rebelo da Silva, Maria Madalena de Oliveira Rebelo e Paulo Maués Corrêa, publicada pela editora Parka-Tatu. Essa coletânea é a junção de textos de dois livros do autor, *Lendas Amazônicas* (1916) e *Folclore Amazônico - Lendas* (1951), com erros ortográficos corrigidos e adequada ao novo acordo ortográfico. Oliveira, nascido na cidade de Belém em 1887, foi professor em várias instituições de ensino paraenses da época, era também jornalista e pesquisador do folclore amazônico.

Ainda que o objeto desse trabalho sejam relatos folclóricos registrados por um paraense, as fontes primárias das histórias são diferentes contos retratados por diferente europeus da época da invasão. Tendo estabelecido isso, esta é a fonte mais adequada que encontramos, para a pesquisa atual, em se tratando de data e fidelidade às narrativas orais que a autora deste trabalho e todos os que vivem em solo amazônico cresceram ouvindo. Essas narrativas são fonte de misticismo,

entretenimento, cultura, pertencimento, respeito e temor pela, muitas vezes opressiva, floresta que rodeia a população.

Caracterizada então como pertencente à literatura amazônica, o conteúdo que aqui nos proporemos a traduzir é representativo de uma cultura pouco reconhecida, até mesmo em seu espaço geográfico federal, ou seja, mesmo os cidadãos brasileiros que não estão inseridos localmente na região norte desconhecem ou não tem acesso a esse material. Além de que, mesmo na região norte, por conta de uma proposta globalizante e que busca a inserção na cultura dominante e não a inclusão da diversidade, os próprios cidadãos do norte do país que ocupam lugares de poder não valorizam as narrativas locais, reforçando o apagamento e cedendo espaço para que haja uma desapropriação do que pertence ao povo amazônico.

Assim, duas das três lendas aqui traduzidas são classificadas pelo autor como lendas heroicas, *As Amazonas* e *Ajuricaba*. Essas lendas retratam narrativas em que um ou mais indígenas representam figuras de luta, resistência ou salvação, colocando a proteção dos povos não apenas nas mãos dos deuses e entidades míticas, mas nos próprios membros da comunidade. A terceira lenda, *Lenda de Mani*, é classificada pelo autor como lenda etiológica, ou seja, que procura explicar a origem de coisas e fenômenos.

Nas três lendas, a representação cultural está verdadeiramente nas narrativas como um todo, de modo que a escolha por manter os nomes de frutas, árvores, bebidas e outras regionalidades é, além de condizente com a proposta tradutória, um recurso utilizado na construção do texto traduzido. Veremos que a presença de cidades, municípios e outras menções a localidades amazônicas ressaltam ainda mais o pertencer das personagens. Por exemplo, o índio Manaus que lutou contra os portugueses é parte real da história da construção da cidade de Manaus, dando nome a um conjunto residencial da capital Amazonense.

Essas e outras histórias, não retratadas aqui, representam o povo do norte, particularmente os estados do Amazonas e do Pará, e são uma ode às populações ribeirinhas e indígenas que ali habitam. No próximo capítulo, proporemos então a nossa tradução dessas três lendas. Nossa intenção é contribuir para a caracterização da literatura amazônica na área dos Estudos da Tradução e Cultura, assim como para a divulgação da própria cultura amazônica.

Capítulo 3 – Lendas amazônicas: proposta de tradução

A primeira lenda, *As Amazonas*, também conhecida como *As Icamíabas*, é conhecida não só no norte do país, mas principalmente nesta região, pois há outras versões em outras regiões do país. Essa escolha, juntamente com a lenda de *Ajuricaba*, se deu porque ambas entrelaçam realidade e mito e são mencionadas em momentos históricos reais, fazendo, portanto, parte da história da construção da Amazônia que existe hoje. Por sua vez, a *Lenda de Mani* retrata uma das fontes de subsistência principais da alimentação dos povos amazônicos, a saber, a macaxeira ou mandioca.

Uma vez entendida a escolha, optamos como método tradutório o uso de tabelas para seccionar o texto em unidades de tradução menores e mais compreensíveis. Deste modo, apresentaremos primeiro a tabela seguida de observações pontuais sobre a tradução apresentada.

Embora, para organização do trabalho, façamos considerações sobre cada uma das lendas separadamente, é importante ressaltar que elas se articulam intimamente e podem ser apreendidas de modo integrado e simultâneo, já que são representativas de uma mesma cultura. Por exemplo: a questão do gênero. Em português, os interlocutores, ou seja, o narrador e os personagens são bastante explícitos, em um sentido linguístico, em se tratando dos pronomes. Em inglês, muitas frases precisaram ser explicitadas por conta da repetição destes pronomes (em português), pois as frases perdem o sentido e a pessoa do discurso à qual nos referimos não é facilmente identificada. Para que isso não aconteça, decidimos explicitar, omitir, e explicar algumas sentenças, quando possível, para que a história fluísse melhor e fizesse sentido, sem perder a cadência.

Além dos comentários, é pretensão ao longo da tradução apontar alguns termos para um simples glossário explicativo em língua inglesa, a fim de que a terminologia não seja um obstáculo para o entendimento, mas sim um estímulo para a construção de um vocabulário que entendemos ser recorrente na literatura amazônica. Sinalizaremos tais termos entre colchetes ao final dos comentários dos trechos em que identificarmos as ocorrências.

3.1. As Amazonas

As Amazonas	Legend of the Amazonas (1)
<p>Em uma região que não se pode geograficamente precisar, rodeada de rios que não eram navegáveis, sombreada de árvores gigantescas, que nunca foram atingidas pelos arcabuzes dos navegantes aventureiros, habitava uma nação de mulheres belas e fortes, de estatura elevada e aparência franca, cabelos negros e longos, olhos grandes e expressivos, de lábios grossos e frase decisiva, que manejavam com a maior destreza o arco e o tacape. Chamavam-nas as Icamiabas.</p>	<p>In a geographic region that cannot be precised, surrounded by hostile rivers for sailors, shaded by gigantic trees, that were never reached by the adventurous navigators' arquebuses, inhabited a nation of beautiful and strong women. They were of high stature, honest demeanor, long black hair, large expressive eyes, thick lips and strong opinions, who handled the bow and staff with the greatest dexterity. They were called the Icamiabas. (2)</p>
<p>Eram uma espécie de Átilas femininos: o terror supersticioso ou a valentia no combate daquelas guerreiras fazia com que as outras tribos se deixassem facilmente vencer nas correrias que elas lhes davam, obrigando assim todos os povos vizinhos a respeitarem a sua independência e o seu viver misterioso.</p>	<p>They were like female Attilas. Superstitious terror or the warrior's combat bravery made the other tribes easily surrendered during battles. That reputation made all the surrounding tribes respect their independence and mysterious life. (3)</p>
<p>Deste modo apareciam elas em diversos pontos do continente amazônico, travando luta, ora com outros índios, ora com os invasores europeus, como dizem ter acontecido a Orellana, que chamou-as simplesmente amazonas e sagrou com o nome delas o mais importante rio do mundo.</p>	<p>They were seen in several locations of the Amazonian continent, wagging battles now and then, with other tribes and European invaders. As some people say, it happened to Orellana, who called them, simply, The Amazonas. He baptized the most important river of the world with their name. (4)</p>
<p>Deposta a flecha, desarmado o arco, tornavam-se as Icamiabas místicas Pitonisas, um simulacro de vestais de Roma, adorando a Lua, que vivia</p>	<p>Laying down their arrows, disarming their bows, the Icamiabas transformed themselves into mystical pythonesses. A simulacrum of Rome's vestals,</p>

<p>como elas, sozinha sem marido nos desertos do espaço, errante e nômade, mudando de fase e não de forma, cismadora e poética no seu perene esplendor.</p>	<p>worshiping Iaci, the Moon. The goddess lived like them, alone, without a husband in the deserts of space, nomad, changing phases but not her true form, poetic and gloomy in her perennial glory. (5)</p>
<p>Peregrinas, da mesma forma, nos desertos do Amazonas, faziam elas pátria do lugar donde melhor pudessem adorar a deusa, que lhes determinava a regra da vida e que tinha sobre elas tão grande influência no regime da existência.</p>	<p>Peregrines, The Icamiabas wandered in the Amazon wilderness, as Iaci in the sky. Home was any place where they could better worship the goddess, who determined the rule of life and had such great influence in the shape of existence. (6)</p>
<p>O templo para as suas expiações era o lago Jaciuaruá (Espelho da Lua), donde traziam as muiraquitãs para oferecer aos amantes na época propícia.</p>	<p>The temple for their atonements was Lake Iaciuaruá - Mirror of the Moon - where they carved the Muiraquitãs to offer to their lovers when the time was right. (7)</p>
<p>Era esse o tempo prescrito pelo rito religioso que seguiam, para receber os guerreiros de outras tribos, aos quais mandavam convites antecipados. Era uma espécie de noivado de Sabinas, que somente repetia-se de ano a ano.</p>	<p>There was a proper time, following their religious beliefs, to receive the warriors of other tribes. They had to be invited early, it was like an engagement of Sabinas, that happened annually. (8)</p>
<p>Findo o prazo da festa da concupiscência indígena, os homens eram obrigados a voltar para as suas tabas, sob pena de que a própria amante lhes varassem o peito de lado a lado, como a um inimigo da sua independência e um diabólico sedutor do seu estado.</p>	<p>When the indigenous concupiscence period was finished, the men were forced to return to their <i>tabas</i>, or else the Icamiabas would pierce their lovers' chests from side to side, as enemies of their independence and diabolical seducers. (9)</p>
<p>Os filhos, se eram meninas, aconchegavam-nas ao peito com amor, como uma futura companheira das lides, queimavam-lhes o mamilar direito, para mais destras ficarem no jogo do arco; se eram, porém,</p>	<p>If the Icamiabas got pregnant and the babies were girls, they would be tucked in by their mothers, held close to their chest with love, as future companions on the fight. The women would burn the babies' right nipple, to make them more</p>

<p>meninos, olhavam-nos com aversão, como um futuro inimigo da sua raça, matavam-nos, segundo uns, ou amamentavam-nos, segundo outros, somente o tempo preciso para os entregar aos pais, na primeira vez com que eles se reunissem.</p>	<p>dexterous in the bow.</p> <p>However, if the babies were boys, the mothers would look at them spitefully. They were seen as future enemies of the Icamias race. Some people say the baby boys were killed, others say they were breastfed the proper time and delivered to their fathers, as soon as possible. (10)</p>
--	---

Comentários:

- (1) Optamos por realizar uma mudança do título dado que já existe “The Amazons” ou “As Amazonas” na mitologia grega e no quadrinho da Mulher Maravilha (*Wonder Woman - DC*), ambos presentes na cultura pop e em contexto histórico. Portanto, “Legend of the Amazonas” tem o intuito de sinalizar que a lenda não pertence a nenhuma das referências mencionadas anteriormente.
- (2) A escolha dos verbos “*precised*”; “*surrounded*”; “*shaded*” e “*reached*” nesse período busca uma linearidade temporal e certa cadência para a frase. A divisão do período em duas partes em “(...) mulheres belas e fortes.” é um recurso para reduzir o entroncamento de ideias, pois frases muito longas soam desconexas e pouco naturais aos olhos e ouvidos do leitor alvo.
- (3) Referências a outras narrativas mitológicas, visto que, aqui, Oliveira traz a primeira de muitas alusões a outros deuses e credices para construir a imagem mítica das Amazonas. Átila era o líder tenaz de um grupo nômade chamado *Hunos*, então a menção dessa figura história auxilia na criação de um imaginário de combate e ferocidade para a tribo das Icamias. Optamos pela omissão da frase “nas correrias que elas lhes davam” e substituição do sentido por “during battles”, por se tratar de uma expressão um tanto repetitiva em português e para não perdermos o sentido de confronto.

- (4) A decisão por manter a expressão “continente Amazônico” se dá por conta da conotação mística. A tribo de mulheres guerreiras era vista em diversos pontos da floresta, e ocupa uma extensão terrestre que pode ser comparada ao tamanho do continente europeu. Essa analogia, ou seja, “Amazônia = continente”, ajuda a inserir a lenda dentro da história dos povos que ali residem. A expressão “now and then” foi utilizada para construir a imagem presente no texto original com “ora com... e ora com...”. A escolha de “baptized” para refletir o teor religioso e sacramental da palavra “sagrou” em português, mantendo certa naturalidade com o termo em inglês. Francisco de Orellana, invasor espanhol durante a colonização, foi um dos primeiros a navegar pelo rio Amazonas e a nomeá-lo, sendo figura recorrente na história do Brasil e do Peru. Relatos do colonizador contam sobre seu encontro com a tribo das mulheres guerreiras e adicionam ainda mais mistério quanto à existência dessas mulheres.
- (5) Referência à mitologia romana. Vestais eram sacerdotisas, adoravam a deusa romana Vesta. A associação com a prática religiosa das vestais ajuda a colocar as mulheres Icamiabas como sacerdotisas amazônicas. Optamos por inserir o nome da deusa amazônica Iaci, a lua, para auxiliar na identificação do termo que virá mais adiante na lenda, o lago espelho da lua ou Iaciuaruá. A palavra *simulacro*, tanto em português quanto em sua tradução para o inglês “simulacrum”, reflete a semelhança do sacerdócio das vestais e do culto a Iaci feito pelas Icamiabas. Dois grupos compostos apenas por mulheres que adoravam uma deusa. Omissão do termo “errante” para evitar redundância no texto traduzido.
- (6) A palavra *peregrina* foi traduzida aqui por “peregrines” para que a conotação nômade fosse atingida sem rememorar os “pilgrims”, da história da ocupação da América do Norte. A troca de termos em “regime” e “shape”, para suavizar o termo, pois, em inglês a palavra *regimen* soa demasiadamente militar e quase como uma repetição, uma vez que a frase anterior já estabelece que a deusa dita as regras da vida.

- (7) Mudança do termo *Jaciuaruá* para *laciuaruá*, apenas para manter a forma de grafia escolhida, ambas as nomenclaturas designam a lua (Jaci e laci). Escolhemos a palavra “carved” para “os muiraquitãs” para não dar a entender, em inglês, que elas não apenas buscavam por eles, mas sim que eram feitos por elas, pois são talismãs em formatos de animais, feitos de argila verde e de minerais, como a nefrita. Eram feitos pelas Icamiabas para presentear os parceiros. Acredita-se que o muiraquitã traz sorte e cura para quem o possui, tendo sua própria lenda em torno de sua misticidade. A escolha por manter a grafia original é feita para que os nomes causem estranheza e curiosidade na tradução, marcando as especificidades da literatura amazônica. [Glossário: *muiraquitãs*]
- (8) Noivado de Sabinas, diz respeito ao *Rapto das Sabinas*, uma lenda romana sobre a população de Roma. A lenda relata que havia poucas mulheres em Roma, e Rômulo, o rei, traça um plano para raptar mulheres do povoado vizinho e levá-las à cidade. Na lenda das Icamiabas, essa analogia serve para ilustrar o teor de transação e pragmatismo com que as relações com os homens eram tratadas pelas mulheres da tribo.
- (9) *Concupiscência*: palavra que denota luxúria, libertinagem, possui uma carga religiosa e implica certo “juízo”. Tabas: do Tupi *tawa*, é a denominação do conjunto de algumas ocas⁶.
- (10) A decisão de criar dois parágrafos no final da história para o texto em inglês se dá pelo fato de, em português, as imagens criadas serem bastante importantes para o desfecho da história. O fato de que as Icamiabas matavam (ou não) seus bebês do sexo masculino encapsula a descrição dessas mulheres que foi sendo feita ao longo da narrativa, o que mostra uma espécie de força sem medidas que possuíam e causa temor, o que é ideal para finalizar uma narrativa fantástica.

⁶ Informação retirada do sítio eletrônico <https://www.caurn.gov.br/?p=10213> que trata da arquitetura indígena no Brasil.

3.2. Ajuricaba

Ajuricaba	Legend of Ajuricaba (1)
A aldeia dos manaus estava em festa.	The tribe of the manaus was celebrating. (2)
Huiuebéue, o chefe respeitado e valoroso, celebrava o nascimento de seu primeiro filho. As fogueiras ardiam no terreiro e em torno delas dançavam satisfeitos moços guerreiros e cunhantãs formosas.	Chief Huiuebéue, respected and worthy, celebrated the birth of his firstborn son. The bonfires burned outside, young warriors and beautiful <i>cunhatãs</i> danced around them. (3)
Mergulhando nas águas do rio Negro os seus últimos raios, a lua se deitava por trás dos cumandás e buritis das margens.	The moon dived its last rays in the waters of Rio Negro, laying down behind the <i>cumandás and buritis</i> on the shore. (4)
Não tardava que o sol viesse doirar as copas frondejantes da floresta. A dança parou e, saboroso, o caxiri correu de boca em boca.	The dawn was almost breaking through the forest in a bright golden light. The dance stopped and juicy <i>caxiri</i> was shared around the fire. (5)
Caboquena, o velho tuxaua, trazendo nos braços o infante recenado, apareceu à porta da maloca e assim falou: - "Guerreiros manaus, este é o filho de meu filho. Nasceu sob os olhos de Iaci e Tupã o alumia. Ajuricaba é seu nome e será o terror dos inimigos dos manaus.	Caboquena, the old <i>Tuxaua</i> , arrived at the <i>maloca</i> door carrying the newborn in his arms and said: - "Manaus warriors, this is the son of my son. Born under the eyes of Iaci, enlightened by Tupã. His name is Ajuricaba and he will be the terror of the Manaus' enemies. (6)
Das margens do Urarirá às margens do Xiuará será o único senhor das terras de nossos avós. Mauari o protege e em seus braços dormirá ele um dia, nos domínios da Cobra Grande." Aos pés do pequeno Ajuricaba depuseram os guerreiros manaus seus arcos e tacapes.	From the shores of the Urarirá to the shores of the Xiuará he will be the only chief of our grandparents' lands. Mauari protects him, one day Ajuricaba will sleep in his arms, in Cobra Grande's realm." At the small Ajuricaba's feet the manaus warriors laid down their bows and staffs. (7)
Dançaram ainda, mas quando a aurora sorriu no firmamento, já nas águas do rio tomavam seu banho ritual os impávidos	The tribe was still dancing, but when the dawn fully smiled in the skies, the fearless warriors were bathing ritualistic

<p>guerreiros, na singela crença de que o astro do dia gostava de os ver assim, como outrora vira surgir das águas espumantes os primeiros manaus.</p>	<p>in the river waters. They simply believed that the Sun in the sky enjoyed to see them, as he once saw the first Manaus emerge from the bubbly waters. (8)</p>
<p>Os anos se passaram e Ajuricaba cresceu robusto, forte e corajoso. Nenhum guerreiro lhe vergava o arco rijo de paxiúba. A sua flecha rasgava no espaço a nuvem que passava e o seu tacape de massaranduba derrubava de um golpe a onça na floresta.</p>	<p>Years passed and Ajuricaba grew sturdy, strong and courageous. No warrior could bend down his stiff bow made of paxiúba. His arrow crossed the skies up in the clouds, his staff made of massaranduba could knock a jaguar with one hit in the forest. (9)</p>
<p>As filhas dos tucanos e barés o disputavam. Ajuricaba preferiu a mais bela cunhantã dos tárias poderosos.</p>	<p>The daughters of the Tucanos and Barés were competing for his attention. Ajuricaba, however, favored the most beautiful cunhantã of the powerful Tárias. (10)</p>
<p>Um dia, na maloca dos manaus apareceram dois brancos e a Huiuebéue tomou com eles, na mesma cuia, o caxiri da paz. Desgostoso, Ajuricaba internou-se nas salvas para não beber com os pérfidos cariuas. Herdou do avô a malquerança ao luso, e desde aquele instante ninguém mais o viu entre os manaus.</p>	<p>Once, in Manaus' maloca two white men appeared and Huiuebéue shared the <i>caxiri</i> of peace with them, in the same <i>cuia</i>. Dissatisfied, Ajuricaba hid in the trees to avoid drinking with the perfidious cariuas. He inherited the despise for Lusos from his grandfather, and from that moment on nobody saw him again among the manaus. (11)</p>
<p>- Terás a maldição de teu pai, praguejou Huiuebéue. Mas na aldeia se cochichava que em noites de luar descia pelo rio uma igarité e dentro dela os vultos conversavam: - Mauari consolava o guerreiro exilado.</p>	<p>- You will have your father's curse, warned Huiuebéue angrily. But, in the tribe, whispered rumours said that during the nights, under the moonlight, an igarité went down the river and its vultures passengers talked: - Mauari comforted the exiled warrior. (12)</p>

<p>Muitas luas vagou pela floresta, até que um dia lhe trouxeram o perdão do pai, que os portugueses haviam atacado e morto.</p> <p>Ajuricaba partiu rumo a da aldeia com o coração cheio de ódio de vingança.</p>	<p>He wandered in the woods for many moons, until one day someone brought to him his father's forgiveness, who had been attacked and killed by the Portuguese people.</p> <p>Ajuricaba set off on his way to the village with a heart full of hatred born from revenge. (13)</p>
<p>Restavam ainda alguns guerreiros. As forças de Belchior Mendes de Moraes sentiram que à frente dos manaus estava um chefe valoroso.</p> <p>O nome Ajuricaba explodia como um raio nos arraiais portugueses.</p>	<p>Some warriors survived the attack. Belchior Mendes de Moraes' forces had a gut feeling that leading the Manaus was a bold chief.</p> <p>The Ajuricaba name shook the Portuguese <i>arraiais</i> like thunder. (14)</p>
<p>Um dia, na ponta de Ajanari, à hora da sesta, um gentio ainda novo saltou à praia e dirigiu-se ao chefe: - Eles não tardam, pai, e a sua frota é grande e poderosa.</p> <p>Era Cueánaca, o filho que deixara criança.</p> <p>- Ao sol de manhã estarão à vista. - Ajuricaba os espera, respondeu o chefe.</p>	<p>Once, on shore of Ajanari river, near midday, a curumim jumped to the beach and said to the chief: – They won't be long, Dad, and their fleet is big and powerful.</p> <p>It was Cueánaca, the son he had left as a boy.</p> <p>- At dawn they will be at sight. - Ajuricaba waits for them, the chief answered. (15)</p>
<p>A luta foi terrível. Houve um momento em que a vitória bafejou o cocar vermelho do manaus.</p> <p>Mas os portugueses eram superiores em número e em armas.</p> <p>A pouco e pouco os arcabuzes dizimavam os indígenas. Cueánaca tomba ferido de morte. Os portugueses desembarcam: o tacape de Ajuricaba goteja sangue; a tropa de Belchior recua, mas o chefe ordena e a luta recrudescer.</p> <p>Ajuricaba, quase só, capitula exangue e impotente.</p> <p>A frota veleja de volta com o prisioneiro</p>	<p>The fight was dreadful. For a moment victory flickered the feathers of the red cocar of the Manaus.</p> <p>But the Portuguese were superior in number and weapons.</p> <p>Little by little the arquebuses wiped out the natives. Cueánaca tumbled and fell deadly wounded. The Portuguese came from the boats: Ajuricaba's staff drips blood; Belchior's troops withdraw, but the chief commands and the fight returns worse than before.</p> <p>Ajuricaba, almost alone, stares powerless, blood drained of his face.</p>

<p>sob ferros ultrajantes. Mauari, porém, velava sobre o destino do guerreiro manaus.</p>	<p>The fleet sails back with the prisoner under outrageous chains. Mauari's spirit, however, watched over the Manaus warrior's destiny. (16)</p>
<p>Certa noite, o vento encrespa as ondas do rio Negro. O vendaval desaba sobre a frota de Belchior. Ajuricaba teve os pulsos desligados para a faxina, subiu ao convés, e, quando um raio fuzilou no espaço, o vulto de Mauari, nas ondas crespas, recebia nos braços o guerreiro manaus.</p>	<p>That night, the wind sharpens the waves of Rio Negro. The downpour rages from the sky down on Belchior's fleet. Once free to clean the boat Ajuricaba went up to the deck, when a lightning bolt tore the sky, the shadow of Mauari in the sharp waves received the Manaus warrior with arms wide open, in his last breath. (17)</p>

Comentários:

- (1)** Optamos por inserir o “Legend of” para padronizar a tradução das três lendas.
- (2)** Na língua inglesa nomes próprios, como os de lugares, são grafados com letra maiúscula, por isso na lenda traduzida a tribo manaus é grafada dessa maneira.
- (3)** A busca por adjetivos foi bastante extensa nessa lenda, pois houve a tentativa de manter a cadência da história, que mais soa como um relato de guerra, além de conseguir construir as características dos personagens, mantendo as posições marcantes das três gerações que caminham nesta narrativa, o que foi uma tarefa tradutória interessante. As descrições de Ajuricaba, seu avô, seu pai e seu filho (brevemente), são instigantes e ajudam a contar a história do herói, mesmo estando inseridas de maneira breve e bastante aceleradas no texto. [Glossário: *cunhantãs*].
- (4)** Manter a grafia em português de “Rio Negro” e não traduzir por Negro River, como será possível perceber com alguns nomes de rios, na próxima lenda, mantendo apenas o nome com letra maiúscula, foi uma decisão tomada para evitar que a palavra, muito carregada na língua inglesa por conta da escravidão, tanto no continente americano quanto na Europa, fosse a primeira associação do leitor. A adição de uma palavra estrangeira anterior a Negro

- contribui para criar um bloco de estranhamento, para que o nome possa ser explicado em nota. [Glossário: *cumandás*; *buritis*].
- (5) A imagem do sol nascente tocando as copas das árvores é bastante emblemática, especialmente por se tratar da Amazônia, e tentamos mantê-la lírica, ainda que realizada de maneira mais clara em língua inglesa. [Glossário: *caxiri*].
- (6) A fala do avô de Ajuricaba é como uma profecia, e é bastante importante para a história do herói. Tentamos manter a figura da lua e do deus indígena, Tupã, iluminando o recém-nascido, para retratar a grandeza desse menino que acabara de nascer. [Glossário: *tuxaua*; *maloca*].
- (7) Aqui os nomes dos rios foram mantidos, mas a palavra *rio* foi traduzida, como havia sido discutido anteriormente. A decisão de manter “Cobra Grande” se justifica pelo fato de o nome designar uma figura do folclore, que também possui uma lenda, e não apenas uma cobra, o animal, de grande porte. [Glossário: *urarirá*; *xiuará*].
- (8) As simbologias da natureza são muito especiais e importantes para a relação dos indígenas com o mundo à sua volta. Tentamos preservar esse grande apreço, a beleza e o teor fantástico, de narrativa espiritual, que os fenômenos quase diários da natureza parecem receber nas culturas indígenas.
- (9) Deste parágrafo em diante a história ganha cada vez mais cadência de relato de guerra, pois as cenas vão sendo colocadas uma sobre a outra, sem grandes ambientações ou pausas. A descrição de Ajuricaba como um grande guerreiro começa aqui, os adjetivos “sturdy”, “strong” e “courageous” foram utilizados para retratar essa força, mantendo a tradução bem semelhante ao original, neste trecho. [Glossário: *paxiúba*; *massaranduba*].
- (10) O autor brevemente menciona outras tribos que vivem nas proximidades da tribo Manaus, para contar sobre o casamento de Ajuricaba, mencionado apenas neste momento. [Glossário: *tárias*; *tucanos*; *barés*].

- (11) o prefixo latino *luso* significa “relacionado a Portugal ou à cultura portuguesa”. Sua origem remete à tribo lusitana, um grupo de pessoas que viveu próximo à província de Beira Alta, onde hoje é a Serra da Estrela em Portugal⁷. [Glossário: *cuia*; *cariuas*].
- (12) Novamente a narrativa cria uma espécie de profecia, dessa vez através do pai de Ajuricaba. Para traduzir “na aldeia se cochichava” optamos pela expressão “[...] in the tribe whispered rumours”, para manter o caráter literário da história e não perder a sombriedade que começa a se desenvolver rumo ao desfecho do herói. [Glossário: *igarité*].
- (13) Escolhemos “set off” para traduzir “partiu rumo” para manter a ideia de movimento da ação da personagem. A tradução de “coração cheio de ódio de vingança” foi feita como “heart full of hatred born from revenge” para tentar preservar a imagem de que a vingança nutria o ódio em Ajuricaba.
- (14) Algumas escolhas em prol do ritmo e do tom da tradução levaram à busca de palavras menores, adjetivos mais curtos, para quebrar um pouco menos as frases da narrativa. Essa lenda soa mais como um relato de guerra do que como mito de construção cultural.
- O texto é lacunado, trabalha bastante com espaços vazios; aqui o narrador discorre sobre uma luta com os portugueses, em que pai de Ajuricaba foi morto, mas a menção à luta em si nunca é feita. Por se tratar de uma tradução de um texto regional e bastante localizado, escolhi preencher alguns dos espaços, para transpor melhor a falta de referências para certos acontecimentos e espaços da narrativa.
- (15) Optamos por omitir a palavra *gentio*, que era a maneira como os portugueses se referiam aos indígenas, e em seu lugar foi colocada a palavra “curumim”, além de ser uma palavra indígena, ela abarca todo o sentido de menino jovem, eliminando a necessidade de “gentio ainda novo”.

⁷ Cf. em <https://www.liveluso.com/post/origins-of-luso>

- (16) Aqui, buscamos uma imagem bonita para retratar a tristeza da luta perdida, a tradução “For a moment victory flickered the feathers of the red cocar of the Manaus” é feita para que o clímax da lenda seja marcante, a guerra entre invasores e indígenas. Em “a luta recrudescer” traduzimos por “the fight returned worse than before” fazendo uma explicitação, para que o sentido fosse preservado. As últimas três frases representam as cenas do aprisionamento de Ajuricaba e a realização daquilo que disse seu avô, que Tupã o iluminaria, assim, o espírito de Mauari vela sobre o destino do índio.
- (17) As cenas finais, levando à morte de Ajuricaba, são quase sobrepostas uma à outra. Em “once free to clean the boat” houve uma suavização, em português “teve os pulsos desligados” construía uma imagem que requeria um pouco mais de explicação, e para não perder o ritmo do desfecho, optamos por simplificá-la.

3.3. Lenda de Mani

Lenda de Mani	Legend of Mani (1)
Em tempos idos, apareceu grávida a filha dum chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que hoje está a cidade de Santarém.	A long time ago, the daughter of a wild chief – who lived around the place where now lies the city of Santarém - was found pregnant. (2)
O chefe quis punir, no autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos.	The chief wanted to punish the one who was responsible for his daughter's dishonor, the offender of his pride. To find out who it was, he begged in vain, threatened, and at the end, finally, inflicted severe punishments on his daughter. (3)
Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexível, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum.	Even when faced with harsh punishment and begging, the young Woman kept saying she never had relations with a man. (4)
O chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente e não tinha tido relação com homem.	The chief had decided to kill her, when a white man showed up in his dreams, telling him not to kill his daughter, because she was effectively innocent and never had relations with a man. (5)
Passados os nove meses, ela deu à luz uma menina lindíssima e branca, causando este último fato a surpresa, não só da tribo, como das nações vizinhas, que vieram visitar a criança para ver aquela nova e desconhecida raça.	Nine months passed, the chief's daughter gave birth to a gorgeous girl, with white skin, causing surprise, not only inside the tribe, but on the surrounding nations, that came to visit the child to see that new and unknown race. (6)
A criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor.	The child, who was named Mani, walked and spoke precociously. She died after one year, without getting sick or presenting any signs of pain. (7)

<p>Foi ela enterrada dentro da própria casa, descobrindo-se e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo.</p> <p>Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar.</p>	<p>She was buried inside her house, her grave was uncovered and watered daily according to the custom of her people.</p> <p>Some time passed and an entirely unknown plant sprouted on top of the child's grave. They did not pull the plant off of the ground. (8)</p>
<p>Cresceu, floresceu e deu frutos. Os pássaros que comeram os frutos embriagaram-se e este fenômeno, desconhecido dos índios, aumentou-lhes a superstição pela planta.</p>	<p>It grew, blossomed and gave fruits. The birds that had eaten the fruits became inebriated, this phenomenon, stranger to the tribe, increased the superstition towards the plant. (9)</p>
<p>A terra afinal fendeu-se; cavaram-na e julgaram reconhecer no fruto que encontraram o corpo de Mani.</p> <p>Comeram-no e assim aprenderam a usar da mandioca.</p>	<p>Finally, the grave cleaved; they dug in and saw the roots for the first time. The plant was shaped like Mani's little body. They ate it and learned how to use the cassava. (10)</p>

Comentários:

- (1)** Títulos padronizados começando com "Legend of".
- (2)** O primeiro parágrafo estabelece o conflito da lenda, que é curta e simples, mas importante para dar significado ao alimento presente em grande parte da alimentação indígena.
- (3)** As ações do chefe foram um pouco complicadas de traduzir, porque as súplicas apresentavam certa oposição à ideia de castigos severos, que vem logo em seguida.
- (4)** Repetição da frase "she never had relations with a man" serve para enfatizar a fala da índia, que não possui nome e, na narrativa, é apenas utilizada como via de chegada da criança ao mundo, não sendo mais mencionada posteriormente.

- (5) Neste trecho da lenda, vemos uma sentença que reflete bem a influência dos colonizadores nos relatos das lendas amazônicas, já que “um homem branco” aparece em sonho para o chefe.
- (6) Logo que a criança nasce, o leitor descobre que ela também tem a pele branca, o que causa estranheza nos índios de sua tribo e de tribos vizinhas.
- (7) A breve descrição da criança é feita apenas para aumentar a estranheza e distanciar ainda mais a personagem dos outros índios, e conduzir a história para o desfecho.
- (8) Neste trecho há o relato de um costume, enterra-se a criança dentro de sua casa e sua cova é descoberta e molhada todos os dias. Optamos por repetir que a cova era de Mani, com a frase “on top of the child’s grave” apenas para que a sentença ficasse mais clara em inglês.
- (9) Este parágrafo bastante descritivo, com muitos adjetivos serve para trazer a planta, macaxeira ou mandioca, ao mundo, com mistério para o leitor e para os próprios indígenas da história.
- (10) O desfecho é o conhecimento da mandioca para os índios. Nesta lenda os personagens, com exceção de Mani, não tem nome e nem falas diretas, a ambientação é puramente um instrumento para que a explicação de como essa raiz, esse alimento, surgiu no mundo.

3.4. Glossário

<i>baré</i>	A tribe that inhabits the Brazilian and Venezuelan Amazon region. [Fonte: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bar%C3%A9]
<i>buritis</i>	Buriti or miriti (<i>Mauritia flexuosa</i>) is the fruit of a palm tree evenly spread throughout Brazil. [Fonte: https://www.cerratinga.org.br/especies/buriti]
<i>cariuas</i>	Plural of <i>cariú</i> , Tupi word for “white man”. [Fonte: https://www.dicio.com.br/cariu/]
<i>caxiri</i>	A traditional indigenous alcoholic drink, Caxiri is considered the beer of the Amazon [Fonte: https://portalamazonia.com/amazonia-az/caxiri]
<i>cuia</i>	Fruit of the cuieira (<i>Crescentia cujete</i>). The word comes from the Tupi word <i>kúia</i> , which is the fruit of the kúieté tree. Some use “cuieté” to refer to the “cuia”. A bowl made from the fruit of the cuieira tree, known as “cabaça” or “porongo”. [Fonte: https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/cuia]
<i>cumandás</i>	Tree (<i>Campsiandra comosa</i>); uacapurana, from Tupi akapu-rána. Native of the humid Amazon region. Also known as “cumandá”. [Fonte: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/acapurana]
<i>cunhantãs</i>	From Tupi Guarani <i>cunhã-antã</i> = strong woman. Girl, young lady. [Fonte: https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/cunhanta/]
<i>Igarité</i>	From Tupi <i>igari'té</i> , real canoe. A canoe with one mast and ten to fifteen foot large. [Fonte: https://www.dicio.com.br/igarite/]
<i>massaranduba</i>	A tree with a rounded, open crown, easily recognized in the forest by the pale yellow coloration of its lower foliage (<i>Manilkara huberi</i>). [Fonte: https://www.embrapa.br/agrossilvipastoril/sitio-tecnologico/trilha-ecologica/especies/macaranduba]
<i>muiraquitãs</i>	Muiraquita is the name given by the natives to small amulets shaped like animals, usually representing frogs. They are made from green colored stones, or minerals such as nephrite. [Fonte: https://portalamazonia.com/amazonia-az/letra-m/muiraquita]
<i>paxiúba</i>	A palm tree with large aerial roots, which look like tentacles. It is the trademark of this species, found in the northern states of Brazil and in Central America (<i>Socratea exorrhiza</i>). For the Yanomami, it is an important species, used for food, construction and for making weapons. [Fonte: https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/paxiuba/]

<i>tárias</i>	<p>The Tariana recognize themselves and are recognized among the ethnic groups of the Uaupés as "sons of the blood of thunder", <i>bipó diroá masí</i>. Of Aruak origin, today the vast majority of the Tariana speak the Tukano language and live in the village of Iauaretê or in nearby communities on the banks of the Uaupés.</p> <p>[Fonte: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tariana]</p>
<i>tuxaua</i>	<p>Political leadership of the indigenous peoples, the tuxaua is a figure that represents the wisdom of the village.</p> <p>[Fonte: https://portalamazonia.com/amazonia-az/tuxaua]</p>
<i>tucanos</i>	<p>These indigenous groups speak languages of the Eastern Tukano family (only the Tariana are of Aruak origin) and participate in a wide network of exchanges, which include marriages, rituals, and trade, making up a defined socio-cultural set, commonly called the "social system of the Uaupés/Pira-Paraná".</p> <p>[Fonte: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano]</p>
<i>urarirá</i>	One of the rivers of the Amazon basin.
<i>xiuará</i>	One of the rivers of the Amazon basin.

Conclusão

Nesta pesquisa pretendemos trabalhar brevemente questões acerca da relação entre tradução e cultura, problematizando o lugar de uma *literatura amazônica* bem caracterizada inserida em um debate acerca da literatura ela mesma como um sistema dinâmico e heterogêneo. Para tal, foi preciso, primeiramente, discorrer sobre o papel sociocultural e político da tradução, em plano mais geral, e, mais especificamente, trazer a literatura amazônica para um lugar não periférico dentro do polissistema literário brasileiro.

Entendemos que há opções tradutórias que melhor fazem jus ao caráter cultural dos textos escolhidos, uma vez que nosso posicionamento é amparado pela teoria da tradução que positiva a competência tradutória para a segunda língua como possível e efetiva, contribuindo para que o tradutor alcance um texto traduzido que realmente representa a cultura de um povo/região. A partir das traduções das três lendas amazônicas, “As Amazonas”, “Ajuricaba” e a “Lenda de Mani” avaliamos as possibilidades, dificuldades e desafios de conservar os traços culturais, de modo a tentar contribuir para a ampliação da literatura na área dos estudos da tradução e cultura, assim como para a divulgação da própria cultura amazônica.

Além disso, é compreendido por nós que o nosso esforço em fazer este trabalho se caracteriza como uma iniciativa, um passo em direção à temática da literatura amazônica pouco ou ainda não problematizada, e que isolada não configura tamanho impacto quanto o que aspiramos. Contudo, nosso principal ensejo é refletir sobre a importância dos sentidos culturalmente construídos dentro da tradução que fizemos, para a compreensão e transmissão do contexto amazônico no texto traduzido, por isso o esforço em construir um pequeno glossário, mesmo simples e sem muitos aprofundamentos. Ainda assim, é pretensão nossa seguir esta linha investigativa e produtiva de conteúdo traduzido para o acesso mais plural de uma cultura tão rica.

Referências

- AUBERT, F. H. Desafios da Tradução Cultural (As Aventuras Tradutórias do Askeladden). *In: Tradterm*, [S. l.], v. 2, p. 31-44, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49913>. Acesso em: 02 nov. 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1995.49913>
- BAGNO, M. *Dicionário crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. Chapter 3: Translation Practice(s) and the Circulation of Cultural Capital: Some Aeneids in English. Clevedon/Philadelphia: Multilingual Matters, 1998, 41 - 56.
- BASSNETT, S. LEFEVERE, A. The translation turn in cultural studies. *In: Constructing cultures: essays on literary translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 1998, p.123-140.
- BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André (Orgs.). *Translation, history & culture*. London: Printer Publishers, 1990.
- CAMPBELL, S. *Translation into the Second Language*. Longman: New York, 1998.
- EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. *In: VENUTI, L. (Org.) The translation studies reader*. Routledge: London/ New York, 2004.
- EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Theory (Revised). *In: EVEN-ZOHAR, I. Papers in Culture Research*. Tel Aviv: Porter Chair of Semiotics, 2005.
- FERNANDES, J. G. dos S. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da amazônia ou literatura amazônica? *In: Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB*. João Pessoa, Vol 6., N. 2/1, 2004 – p. 111-116.
- KATAN, D. MUSTAPHA, T. *Translating cultures: an introduction for translators, interpreters and mediators*. 3ªed. Routledge: New York, 2021.
- OLIVEIRA, José Coutinho de. *Imaginário Amazônico (livro eletrônico)* / José Coutinho de Oliveira; Ilustrações Arerê Marrocos, - Belém; Paka-Tatu, 2014.
- POKORN, N. K. *Challenging the Traditional Axioms: Translation into a non-mother tongue*. Benjamins Translation Library: Amsterdam/Philadelphia, 2005.
- SOUZA, M. Literatura na amazônia, ou literatura amazônica? *In: Revista Sentidos da Cultura* - Belém/Pará. V.1. N. 1. Jul-dez/2014.

Anexos

Anexo 1 - As Amazonas

Em uma região que não se pode geograficamente precisar, rodeada de rios que não eram navegáveis, sombreada de árvores gigantescas, que nunca foram atingidas pelos arcabuzes dos navegantes aventureiros, habitava uma nação de mulheres belas e fortes, de estatura elevada e aparência franca, cabelos negros e longos, olhos grandes e expressivos, de lábios grossos e frase decisiva, que manejavam com a maior destreza o arco e o tacape. Chamavam-nas as Icamiabas.

Eram uma espécie de Átilas femininos: o terror supersticioso ou a valentia no combate daquelas guerreiras fazia com que as outras tribos se deixassem facilmente vencer nas correrias que elas lhes davam, obrigando assim todos os povos vizinhos a respeitarem a sua independência e o seu viver misterioso.

Deste modo apareciam elas em diversos pontos do continente amazônico, travando luta, ora com outros índios, ora com os invasores europeus, como dizem ter acontecido a Orellana, que chamou-as simplesmente Amazonas e sagrou com o nome delas o mais importante rio do mundo.

Deposta a flecha, desarmado o arco, tornavam-se as Icamiabas místicas Pitonisas, um simulacro de vestais de Roma, adorando a Lua, que vivia como elas, sozinha sem marido nos desertos do espaço, errante e nômade, mudando de fase e não de forma, cismadora e poética no seu perene esplendor.

Peregrinas, da mesma forma, nos desertos do Amazonas, faziam elas pátria do lugar donde melhor pudessem adorar a deusa, que lhes determinava a regra da vida e que tinha sobre elas tão grande influência no regime da existência.

O templo para as suas expiações era o lago Jaciuaruá (Espelho da Lua), donde traziam as muiraquitãs para oferecer aos amantes na época propícia.

Era esse o tempo prescrito pelo rito religioso que seguiam, para receber os guerreiros de outras tribos, aos quais mandavam convites antecipados. Era uma espécie de noivado de Sabinas, que somente repetia-se de ano a ano.

Findo o prazo da festa da concupiscência indígena, os homens eram obrigados a voltar para as suas tabas, sob pena de que a própria amante lhes varassem o peito de lado a lado, como a um inimigo da sua independência e um diabólico sedutor do seu estado.

Os filhos, se eram meninas, aconchegavam-nas ao peito com amor, como uma futura companheira das lides, queimavam-lhes o mamilar direito, para mais destras ficarem no jogo do arco; se eram, porém, meninos, olhavam-nos com aversão, como um futuro inimigo da sua raça, matavam-nos, segundo uns, ou amamentavam-nos, segundo outros, somente o tempo preciso para os entregar aos pais, na primeira vez com que eles se reunissem.

Anexo 2 - Legend of the Amazonas

In a geographic region that cannot be precised, surrounded by hostile rivers for sailors, shaded by gigantic trees, that were never reached by the adventurous navigators' arquebuses, inhabited a nation of beautiful and strong women.

They were of high stature, honest demeanor, long black hair, large expressive eyes, thick lips and strong opinions, who handled the bow and staff with the greatest dexterity.

They were called the Icamiabas.

They were like female Attilas. Superstitious terror or the warrior's combat bravery made the other tribes easily surrendered during battles. That reputation made all the surrounding tribes respect their independence and mysterious life.

They were seen in several locations of the Amazonian continent, wagging battles now and then, with other tribes and European invaders. As some people say, it happened to Orellana, who called them, simply, The Amazonas. He baptized the most important river of the world with their name.

Laying down their arrows, disarming their bows, the Icamiabas transformed themselves into mystical pythonesses.

A simulacrum of Rome's vestals, worshipping Iaci, the Moon. The goddess lived like them, alone, without a husband in the deserts of space, nomad, changing phases but not her true form, poetic and gloomy in her perennial glory.

Peregrines, The Icamiabas wandered in the Amazon wilderness, as Iaci in the sky.

Home was any place where they could better worship the goddess, who determined the rule of life and had such great influence in the shape of existence.

The temple for their atonements was Lake Iaciuaruá - Mirror of the Moon - where they carved the Muiraquitãs to offer to their lovers when the time was right.

There was a proper time, following their religious beliefs, to receive the warriors of other tribes. They had to be invited early, it was like an engagement of Sabinas, that happened annually.

When the indigenous concupiscence period was finished, the men were forced to return to their tabas, or else the Icamias would pierce their lovers' chests from side to side, as enemies of their independence and diabolical seducers.

If the Icamias got pregnant and the babies were girls, they would be tucked in by their mothers, held close to their chest with love, as future companions on the fight. The women would burn the babies' right nipple, to make them more dexterous in the bow.

However, if the babies were boys, the mothers would look at them spitefully. They were seen as future enemies of the Icamias race. Some people say the baby boys were killed, others say they were breastfed the proper time and delivered to their fathers, as soon as possible.

Anexo 3 - Ajuricaba

A aldeia dos manaus estava em festa.

Huiuebéue, o chefe respeitado e valoroso, celebrava o nascimento de seu primeiro filho. As fogueiras ardiavam no terreiro e em torno delas dançavam satisfeitos moços guerreiros e cunhantãs formosas.

Mergulhando nas águas do rio Negro os seus últimos raios, a lua se deitava por trás dos cumandás e buritis das margens.

Não tardava que o sol viesse doirar as copas frondejantes da floresta. A dança parou e, saboroso, o caxiri correu de boca em boca.

Caboquena, o velho tuxaua, trazendo nos braços o infante recenado, apareceu à porta da maloca e assim falou: - “Guerreiros manaus, este é o filho de meu filho. Nasceu sob os olhos de Iaci e Tupã o alumia. Ajuricaba é seu nome e será o terror dos inimigos dos manaus.

Das margens do Urarirá às margens do Xiuará será o único senhor das terras de nossos avós. Mauari o protege e em seus braços dormirá ele um dia, nos domínios da Cobra Grande.”

Aos pés do pequeno Ajuricaba depuseram os guerreiros manaus seus arcos e tacapes.

Dançaram ainda, mas quando a aurora sorriu no firmamento, já nas águas do rio tomavam seu banho ritual os impávidos guerreiros, na singela crença de que o astro do dia gostava de os ver assim, como outrora vira surgir das águas espumantes os primeiros manaus.

Os anos se passaram e Ajuricaba cresceu robusto, forte e corajoso. Nenhum guerreiro lhe vergava o arco rijo de paxiúba. A sua flecha rasgava no espaço a nuvem que passava e o seu tacape de massaranduba derrubava de um golpe a onça na floresta.

As filhas dos tucanos e barés o disputavam.

Ajuricaba preferiu a mais bela cunhantã dos tárias poderosos.

Um dia, na maloca dos manaus apareceram dois brancos e a Huiuebéue tomou com eles, na mesma cuia, o caxiri da paz.

Desgostoso, Ajuricaba internou-se nas selvas para não beber com os pérfidos cariuas. Herdou do avô a malquerança ao luso, e desde aquele instante ninguém mais o viu entre os manaus.

– Terás a maldição de teu pai, praguejou Huiuebéue. Mas na aldeia se cochichava que em noites de luar descia pelo rio uma igarité e dentro dela os vultos conversavam: - Mauari consolava o guerreiro exilado.

Muitas luas vagou pela floresta, até que um dia lhe trouxeram o perdão do pai, que os portugueses haviam atacado e morto.

Ajuricaba partiu rumo a da aldeia com o coração cheio de ódio de vingança.

Restavam ainda alguns guerreiros.

As forças de Belchior Mendes de Moraes sentiram que à frente dos manaus estava um chefe valoroso.

O nome Ajuricaba explodia como um raio nos arraiais portugueses.

Um dia, na ponta de Ajanari, à hora da sesta, um gentio ainda novo saltou à praia e dirigiu-se ao chefe: – Eles não tardam, pai, e a sua frota é grande e poderosa.

Era Cueánaca, o filho que deixara criança.

– Ao sol de manhã estarão à vista.

– Ajuricaba os espera, respondeu o chefe.

A luta foi terrível. Houve um momento em que a vitória bafejou o cocar vermelho do manaus.

Mas os portugueses eram superiores em número e em armas.

A pouco e pouco os arcabuzes dizimavam os indígenas. Cueánaca tomba ferido de morte. Os portugueses desembarcam: o tacape de Ajuricaba goteja sangue; a tropa de Belchior recua, mas o chefe ordena e a luta recrudescer.

Ajuricaba, quase só, capitula exangue e impotente.

A frota veleja de volta com o prisioneiro sob ferros ultrajantes.

Mauari, porém, velava sobre o destino do guerreiro manaus.

Certa noite, o vento encrespa as ondas do rio Negro. O vendaval desaba sobre a frota de Belchior. Ajuricaba teve os pulsos desligados para a faxina, subiu ao convés, e, quando um raio fuzilou no espaço, o vulto de Mauari, nas ondas crespas, recebia nos braços o guerreiro manaus.

Anexo 4 - Ajuricaba

The tribe of the manaus was celebrating.

Chief Huiuebéue, respected and worthy, celebrated the birth of his firstborn son. The bonfires burned outside, young warriors and beautiful cunhatãs danced around them.

The moon dived its last rays in the waters of Rio Negro, laying down behind the cumandás and buritis on the shore.

The dawn was almost breaking through the forest in a bright golden light. The dance stopped and juicy caxiri was shared around the fire.

Caboquena, the old Tuxaua, arrived at the maloca door carrying the newborn in his arms and said: - "Manaus warriors, this is the son of my son. Born under the eyes of Iaci, enlightened by Tupã. His name is Ajuricaba and he will be the terror of the Manaus' enemies.

From the shores of the Urarirá to the shores of the Xiuará he will be the only chief of our grandparents' lands. Mauari protects him, one day Ajuricaba will sleep in his arms, in Cobra Grande's realm."

At the small Ajuricaba's feet the manaus warriors laid down their bows and staffs.

The tribe was still dancing, but when the dawn fully smiled in the skies, the fearless warriors were bathing ritualistic in the river waters. They simply believed that the Sun in the sky enjoyed to see them, as he once saw the first Manaus emerge from the bubbly waters.

Years passed and Ajuricaba grew sturdy, strong and courageous. No warrior could bend down his stiff bow made of paxiúba. His arrow crossed the skies up in the clouds, his staff made of massaranduba could knock a jaguar with one hit in the forest.

The daughters of the Tucanos and Barés were competing for his attention.

Ajuricaba, however, favored the most beautiful cunhantã of the powerful Tárias.

Once, in Manaus' maloca two white men appeared and Huiuebéue shared the caxiri of peace with them, in the same cuia.

Dissatisfied, Ajuricaba hid in the trees to avoid drinking with the perfidious cariuas. He inherited the despise for Lusos from his grandfather, and from that moment on nobody saw him again among the manaus.

- You will have your father's curse, warned Huiuebéue angrily. But, in the tribe, whispered rumours said that during the nights, under the moonlight, an igarité went down the river and its vultures passengers talked: - Mauari comforted the exiled warrior.

He wandered in the woods for many moons, until one day someone brought to him his father's forgiveness, who had been attacked and killed by the Portuguese people.

Ajuricaba set off on his way to the village with a heart full of hatred born from revenge.

Some warriors survived the attack.

Belchior Mendes de Morais' forces had a gut feeling that leading the Manaus was a bold chief.

The Ajuricaba name shook the Portuguese arraiais like thunder.

Once, on shore of Ajanari river, near midday, a curumim jumped to the beach and said to the chief: – They won't be long, Dad, and their fleet is big and powerful.

It was Cueánaca, the son he had left as a boy.

- At dawn they will be at sight.

- Ajuricaba waits for them, the chief answered.

The fight was dreadful. For a moment victory flickered the feathers of the red cocar of the Manaus.

But the Portuguese were superior in number and weapons.

Little by little the arquebuses wiped out the natives. Cueánaca tumbled and fell deadly wounded. The Portuguese came from the boats: Ajuricaba's staff drips blood; Belchior's troops withdraw, but the chief commands and the fight returns worse than before.

Ajuricaba, almost alone, stares powerless, blood drained of his face.

The fleet sails back with the prisoner under outrageous chains.

Mauari's spirit, however, watched over the Manaus warrior's destiny.

That night, the wind sharpens the waves of Rio Negro. The downpour rages from the sky down on Belchior's fleet. Once free to clean the boat Ajuricaba went up to the deck, when a lightning bolt tore the sky, the shadow of Mauari in the sharp waves received the Manaus warrior with arms wide open, in his last breath.

Anexo 5 - Lenda de Mani

Em tempos idos, apareceu grávida a filha dum chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que hoje está a cidade de Santarém.

O chefe quis punir, no autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos.

Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexível, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum.

O chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente e não tinha tido relação com homem.

Passados os nove meses, ela deu à luz uma menina lindíssima e branca, causando esse último fato a surpresa, não só da tribo, como das nações vizinhas, que vieram visitar a criança para ver aquela nova e desconhecida raça.

A criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor.

Foi ela enterrada dentro da própria casa, descobrindo-se e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo.

Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar.

Cresceu, floresceu e deu frutos. Os pássaros que comeram os frutos embriagaram-se e este fenômeno, desconhecido dos índios, aumentou-lhes a superstição pela planta.

A terra afinal fendeu-se; cavaram-na e julgaram reconhecer no fruto que encontraram o corpo de Mani.

Comeram-no e assim aprenderam a usar da mandioca.

Anexo 6 - Legend of Mani

A long time ago, the daughter of a wild chief – who lived around the place where now lies the city of Santarém - was found pregnant.

The chief wanted to punish the one who was responsible for his daughter's dishonor, the offender of his pride. To find out who it was, he begged in vain, threatened, and at the end, finally, inflicted severe punishments on his daughter.

Even when faced with harsh punishment and begging, the young Woman kept saying she never had relations with a man.

The chief had decided to kill her, when a white man showed up in his dreams, telling him not to kill his daughter, because she was effectively innocent and never had relations with a man.

Nine months passed, the chief's daughter gave birth to a gorgeous girl, with white skin, causing surprise, not only inside the tribe, but on the surrounding nations, that came to visit the child to see that new and unknown race.

The child, who was named Mani, walked and spoke precociously. She died after one year, without getting sick or presenting any signs of pain.

She was buried inside her house, her grave was uncovered and watered daily according to the custom of her people.

Some time passed and an entirely unknown plant sprouted on top of the child's grave. They did not pull the plant off of the ground.

It grew, blossomed and gave fruits. The birds that had eaten the fruits became inebriated, this phenomenon, stranger to the tribe, increased the superstition towards the plant.

Finally, the grave cleaved; they dug in and saw the roots for the first time. The plant was shaped like Mani's little body. They ate it and learned how to use the cassava.